

Casa Lar Amar é Simples – o papel da educomunicação em contextos de vulnerabilidade social

Sabrina Kelly da Silva
Tatiana Maria da Silva

Introdução

O presente trabalho foi elaborado a partir de experiências vivenciadas no abrigo Casa Lar Amar é Simples, trata-se de uma instituição de acolhimento para crianças e adolescentes, de 0 a 17 anos e 11 meses, que estejam em situação de risco, vulnerabilidade social e exclusão. É, portanto, uma entidade de acolhimento provisório, onde os residentes permanecem até que a família tenha condições de recebê-los novamente em casa ou quando não há essa possibilidade o abrigado e colocado na fila de adoção, podendo residir na moradia até que atinja a maioridade. A principal finalidade da instituição é resguardar os direitos fundamentais das crianças e adolescentes regulamentada pela Constituição Federal de 1988 e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990).

Fundada em 2006, a instituição Casa Lar Amar é Simples, está localizada no bairro Tejuco, em São João del-Rei. Durante a realização das atividades educacionais, a entidade abrigava 17 internos sob a responsabilidade das mães sociais¹.

Neste trabalho relatamos um recorte das atividades educacionais desenvolvidas no abrigo durante o ano de 2017, coordenado pelo técnico administrativo Michel Montandón de Oliveira e pelas graduandas do curso de Comunicação Social- Jornalismo, Sabrina Kelly e Tatiana Silva.

O intuito das atividades desenvolvidas na entidade é despertar um senso de comunidade e estimular nos participantes o protagonismo juvenil, a fim de criar uma identificação com o ambiente, bem como a expansão da consciência crítica e de pertencimento. Sendo assim, o programa busca elevar o padrão de qualidade de vida dos internos e, principalmente, o convívio entre eles, até que retornem aos seus lares ou sejam encaminhados a lares substitutos.

Justificativa

No ano de 2017, iniciamos o desenvolvimento das práticas educacionais na instituição com os internos, observamos como a educação pode ser desenvolvida em várias áreas de atuação, ambientes e segmentos. Este tema se caracteriza por ser amplo e nos dá a oportunidade de atuar de forma transdisciplinar na instituição Casa lar. É por meio de toda esta perspectiva e conhecimento, que o presente trabalho foi desenvolvido com os abrigados, com apresentação de práticas e ferramentas que permeiam o universo da comunicação e educação.

Notamos que os menores são sensíveis e se afeiçoam com facilidade às pessoas que visitam a entidade. Com o passar dos meses, a criação de vínculos afetivos entre as educadoras e o grupo participante do projeto foi se consolidando cada vez mais. A afetividade facilitou o processo de desenvolvimento das atividades educacionais na casa. Os abrigados encontraram nas práticas educacionais uma forma de se expressarem e desenvolverem suas habilidades,

1

despertando a criatividade e o senso crítico no grupo. O uso de ferramentas de comunicação nas atividades incitou o interesse dos mesmos e facilitou a interação entre os integrantes.

O projeto tem como foco o fortalecimento dos laços afetivos entre os internos, para que os mesmos se reconheçam como comunidade melhorando desta forma o convívio e os conflitos dentro do abrigo. As atividades incentivam e priorizam o trabalho em conjunto, durante as quais discute-se valores tais como respeito e união. As intervenções realizadas no abrigo estimulam o protagonismo infanto-juvenil, a partir de práticas que permitem o envolvimento de todos os participantes em ações colaborativas.

Metodologia e Revisão Bibliográfica

As práticas educacionais trabalhadas com os internos foram elaboradas pensando nas necessidades desses indivíduos e a forma por meio da qual eles se inter-relacionam. O intuito do Programa é despertar o senso de comunidade e companheirismo, estreitar os laços dentro da instituição e fazer com que as crianças e jovens se reconheçam como membros de uma família dentro da Casa lar.

Em todo encontro sentamos em roda para conversarmos um pouco sobre o que os menores fizeram durante a semana, desta forma à quebra da hierarquia entre as educadoras e residentes, pois toda atividade é construída em conjunto. Assim articula-se um cenário que possibilita que os internos se sintam confortáveis para expressar suas opiniões, propor novas ideias e participar efetivamente da construção das práticas educacionais.

Os menores são os elementos centrais da prática educativa, participam de todas as fases, desde a elaboração, execução até a avaliação das ações propostas. Dessa maneira fica visível como as práticas Educacionais contribuem para a formação de pessoas independentes e comprometidas socialmente, despertando nos internos valores de solidariedade e respeito, o que estimula a transformação social nos educandos e na entidade em si mesma.

Antonio Carlos Gomes da Costa define protagonismo juvenil como,

“a participação do adolescente em atividade que extrapolam os âmbitos de seus interesses individuais e familiares e que podem ter como espaço a escola, os diversos âmbitos da vida comunitária; igrejas, clubes, associações e até mesmo a sociedade em sentido mais amplo, através de campanhas, movimentos e outras formas de mobilização que transcendem os limites de seu entorno sócio- comunitário ” (Costa, 1996:90)

Em nosso trabalho a pesquisa-ação foi, portanto, a metodologia encontrada para tornar o desenvolvido do projeto factível com os objetivos propostos. Para Thiollent (1985), pesquisa-ação é

[...] um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo (THIOLLENT,1985, p. 14).

A pesquisa-ação é uma forma de investigação que aborda todas as ações desenvolvidas na entidade. Tem como base três pontos indispensáveis: o caráter participativo dos menores na criação e elaboração das atividades educacionais juntamente com as pesquisadoras; as dinâmicas que proporcionam ao grupo um diálogo reflexivo que fomente o exercício da cidadania e, consequentemente, a mudança pessoal e social dos integrantes do grupo. O último ponto diz respeito à avaliação de ações desenvolvidas que influenciaram a melhoria do padrão de qualidade de vida dessas pessoas.

No campo da inter-relação comunicação/educação, o referencial teórico repousa em Ismar de Oliveira Soares (2000). Segundo o autor, a Educomunicação constitui

o conjunto das ações inerentes ao planejamento, à implementação e à avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação

nas práticas educativas e ampliar a capacidade de expressão das pessoas (SOARES, 2000, p. 2).

Assim sendo, para Soares, a Educomunicação é um conjunto de ações que fortalece o ecossistema comunicativo nos ambientes de ensino e que envolve processos propícios a melhorar, por meio da comunicação, as ações do campo da educação. Segundo o autor, essas ações desenvolvem o senso crítico dos sujeitos, a fim de que os meios de informações de massa sejam utilizados para práticas educativas.

Portanto, Soares conceitua a Educomunicação como um campo transdisciplinar, que potencializa o processo de aprendizagem do sujeito, por meio de ações colaborativas, quer sejam implementadas na criação de ambientes que permitam a participação do sujeito nos processos, quer sejam utilizadas nos meios de comunicação como ferramentas educativas. Foi a partir desse conceito que conduzimos as práticas educomunicativas no abrigo.

Esse conceito de Educomunicação considera um campo que amplia as possibilidades do uso da comunicação para compartilhar o conhecimento entre os sujeitos, no qual são rompidas as barreiras hierárquicas de aprendizagem. Tal contexto amplia a visão de mundo dos envolvidos, pois permite incentivar o protagonismo. Diferentemente do ensino tradicional, o processo educutivo proporciona a troca de conhecimento entre sujeitos, a fim de melhorar e transformar o ambiente em que estão inseridos. Percebemos que a Educomunicação é um campo que viabiliza o diálogo entre os indivíduos, buscando transformar ou modificar determinados contextos. Para que isso aconteça harmonicamente, é preciso conhecer as ferramentas que ajudam a consolidar essas práticas. Um dos métodos utilizados é ecossistema comunicativo que atua como elemento facilitador da compreensão dos ambientes em que as ações educomunicativas são implantadas.

Jesús Martín-Barbero (2000) conceitua o ecossistema comunicativo da seguinte forma.

Num primeiro movimento, o que aparece como estratégico, mais do que a intervenção de cada meio, é a aparição de um ecossistema comu-

nicativo, que está se transformando em alguma coisa tão vital como o ecossistema verde, ambiental. [...] a segunda dinâmica que configura o ecossistema comunicativo no qual estamos imersos: o saber é disperso e fragmentado e pode circular fora dos lugares sagrados, nos quais antes estava circunscrito e longe das figuras sociais que antes o administravam (MARTÍN-BARBERO, 2000, p. 54).

Martín-Barbero compara o ecossistema comunicativo ao ecossistema ambiental. Para o autor, o ecossistema comunicativo possui um papel fundamental e estratégico, que vai além da interferência dos meios de comunicação, ao provocar uma transformação social por meio da descentralização do saber. Portanto, é um método estratégico relevante no campo da comunicação, pois se trata da busca de mecanismos que auxiliam em um processo de transformação e de mudanças no ambiente.

Na Casa Lar, as práticas educomunicativas buscam dinamizar o convívio entre os residentes e funcionários, ou seja, entre os atores sociais que trabalham no projeto. A finalidade é que as práticas dialógicas e outras estratégias do campo da Educomunicação sejam efetivas, melhorando o padrão de qualidade de vida dos envolvidos.

A partir desse conceito que inspira a condução das práticas educomunicativas no abrigo, destacamos o conceito de comunidade

[..] lembra relações de pessoas em um grupo, com segurança, confiança, amizade, conforto, apoio. Na verdade, pode haver discussões, devido à diversidade de seus integrantes, no entanto, permanece a ideia do que é benéfico para o coletivo. Nesse cenário, um indivíduo não deseja mal ao outro, pois há certeza de que os outros também o querem bem. Entretanto, a comunidade, com essas características, soa como utopia, já que a sociedade atual, com modo de produção capitalista, fortalece a convivência competitiva, primando o individualismo entre os seres humanos (OLIVEIRA et. al, 2013, p. 134).

De acordo com a estudiosa, a comunidade é formada por um grupo de indivíduos com semelhanças e diferenças, mas que, apoiando uns nos outros, optam por um ideal que seja benéfico para aquele grupo. Há, porém, uma certa utopia

no que diz respeito à identidade comunitária, decorrente de situações cotidianas do mundo capitalista, que estimula a competição e a individualidade entre as pessoas. Para a autora, as relações íntimas entre os indivíduos — como confiança, segurança e o apoio — caracterizam esse senso de comunidade.

Dessa forma, o conceito de comunidade explicitado por Oliveira é o que mais se adequa a atividade educ comunicativa desenvolvida na instituição, a Casa Lar, enquanto entidade que necessita de ações que promovam um ambiente mais solidário e amigável entre os amparados. Assim endossamos o conceito de comunidade compreendendo a fusão das singularidades e peculiaridades do grupo, cujos eventos permitem a troca de experiência, a fim de melhorar o convívio entre os sujeitos.

Então o conceito de comunidade explicitado por Oliveira fundamenta a referida ação que abriga crianças e adolescentes com diferentes características e singularidades. Portanto, a consolidação desse senso de comunidade na instituição deriva da criação de condições para que os sujeitos se reconheçam como indivíduos que possuem algo a ser compartilhado.

É importante salientar que o convívio em comunidade pode gerar situações satisfatórias e/ou conflituosas e nem sempre é algo fácil e orgânico, justamente por colocar em negociação a individualidade de cada ser. Contudo, a criação do senso de comunidade possibilita que os atores sociais envolvidos naquele ambiente passem a atuar de forma crítica na sociedade. Logo, torna-se importante o exercício da cidadania.

O estudioso Valter Natal Valim Carlos (2013) conceitua cidadania como a

[...] construção de relações e consciências, a partir da convivência na vida social e pública. Portanto, o exercício da cidadania é algo que se dá no dia a dia, nas relações que travamos com o próximo, com aquilo que é público e com o meio ambiente. Desse modo, podemos concluir que a cidadania é um processo em constante movimento de construção (CARLOS, 2013, p. 2)

Carlos entende cidadania não como algo teórico, mas edificado a partir do/no contexto das relações diárias. O autor explica que a cidadania e sua construção

é algo progressivo, que está associado ao convívio com o próximo, ou seja, o processo de exercício da cidadania é contínuo.

No ambiente da Casa Lar, o conceito de Carlos é o que mais se adequa, por se tratar de um meio a ser constantemente avaliado, já que é um lar transitório, em que o processo de construção de cidadania acontece de forma progressiva, por meio do convívio diário entre os sujeitos. Sendo assim, no contexto deste programa, definimos cidadania como uma prática que direciona o sujeito, independentemente do contexto em que está inserido, pois funciona como um meio necessário para construção de uma sociedade mais igualitária.

Buscamos essencialmente unir pesquisa e ação em um único processo, no qual todos atores implicados participaram, tanto pesquisadores quanto residentes e funcionários da Casa Lar, para chegarem interativamente a elucidar a realidade ali vivenciada. Identificamos problemas coletivos, buscamos e experimentamos soluções em situações reais que possibilitaram a melhoria da qualidade de vida desses abrigados. Foram utilizadas várias ferramentas de comunicação para que as ações fossem decididas e executadas pelo grupo.

A junção de todos esses processos resultou em produções colaborativas e de conhecimento amplo para todos os envolvidos, através de diálogos reflexivos entre os acolhidos, durante as atividades realizadas em 2017. Quando escolhíamos as atividades, antes do processo de execução, sentávamo-nos em roda com os menores para que eles nos contassem brevemente como tinha sido a semana e o que fizeram de diferente da rotina institucional. O momento de troca e a própria disposição física no espaço desconstruíam todo o sistema hierárquico ao qual estavam acostumados, tanto na instituição quanto na escola. Passaremos aqui a apresentar as atividades realizadas na sequência em que foram vivenciadas, privilegiando a ligação entre cada uma delas, bem como a participação dos residentes na indicação dos desenvolvimentos.

Atividades desenvolvidas no ano de 2017

1º Encontro - Sensibilização

Após discutirmos quais as atividades que iriam nortear o semestre, uma das prioridades foi a construção do diário e o trabalho lúdico. O primeiro encontro

visou à sensibilização dos internos com a exibição de um vídeo que documentava o depoimento de uma professora aposentada de Curitiba, durante a Feira Literária de Paraty (FLIP) de 2017. Diva Guimarães emocionou todos ao relatar a sua trajetória e contar as dificuldades que enfrentou na infância e os desafios superados enquanto mulher negra que viveu parte da vida em um abrigo. A escolha dessa história não foi aleatória; o intuito era mostrar para os internos situações semelhantes a deles, como uma forma de motivação e superação.

2º Encontro - Diários

No segundo encontro, sugerimos a construção de diários, como uma forma de expressão e de verbalização dos sentimentos, além de proporcionar a reflexão sobre o respeito ao próximo e às individualidades. Nesse sentido, o diário é uma ferramenta que só poderia ser compartilhada com a permissão do detentor daquele caderno. Para essa proposta, foram mostrados alguns modelos de diários.

3º Encontro - Construção dos diários

Nesse encontro, partimos para a prática. Foram disponibilizados materiais para a construção da capa do diário, personalizada por cada interno de acordo com a sua identidade. Frisamos a relevância do compartilhamento dos materiais usados, a fim de despertar a importância da produção colaborativa.

4º Encontro - Construção dos diários - 2

No quarto encontro, a proposta foi a finalização dos diários, e a importância da colaboração foi, mais uma vez, destacada.

5º Encontro - Respeito

Com os diários prontos, sentimos a necessidade de conversar com os internos sobre o respeito ao próximo, visando explicar que, apesar da importância de se criar um senso de comunidade e de troca de experiências, o diário era um meio particular de expressão de cada um. Por isso, o respeito às particularidades era indispensável.

6º Encontro - Expressão

Durante os encontros, observamos a necessidade de cada interno de se expressar. Por isso, buscamos práticas que permitissem e facilitassem esse processo,

por meio da fotografia e do uso de emoticons². Porém, por norma institucional, a imagem das crianças não pode ser veiculada, o que levou à focalização dos *emoticons* para a expressão de sentimentos. Essas imagens, presentes nas redes sociais e conhecidas pelos internos, dinamizou a prática. O trabalho foi realizado em dupla e eles deveriam escolher o *emoticon*, de acordo com o que estavam sentindo naquele dia.

7º Encontro - Mímica

Os *emoticons* também foram utilizados no sétimo encontro para a prática da mímica. Cada residente sorteou uma imagem e tentou demonstrar seu significado por mímicas. O objetivo foi estimular o trabalho em conjunto e dar liberdade aos internos de se expressarem.

8º Encontro- Música

Continuando com a ludicidade, no oitavo encontro, trabalhamos com letras de músicas. O objetivo foi estimular a memória dos meninos, por meio da adivinhação. A partir de uma palavra, eles deveriam identificar a música referenciada. Após a descoberta, a letra era distribuída e todos cantavam a canção.

9º Encontro- Palavras

No nono encontro, novamente foi trabalhada a questão dos sentimentos, mas por um jogo de palavras. Escolhia-se um vocábulo, e cada participante do grupo, organizado em roda de conversa, falava o que aquele termo significava para si. Antes do diálogo, os símbolos “like” e “deslike” eram selecionados para demonstrar o sentimento de cada integrante.

10º Encontro- Retrospectiva

A primeira atividade no diário foi registrada no décimo encontro, no qual fizemos uma retrospectiva das práticas realizadas durante o ano de 2017. O inte-

2 Forma de comunicação paralinguística, representando uma expressão facial. Temos em inglês *emotion* (emoção) + *icon* (ícone) (em alguns casos chamado *smiley*) é uma sequência de caracteres tipográficos. Para mais informações: ÁVILA, Maribel Chagas de; PAGLIARINI, Maria Inês. O “internetês” e o legado da história da escrita. Revista Signótica, Goiânia, v. 20, n. 2, 419-455, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/sig/article/view/6097>> Acesso em: 29. jun. 2018.

ressante foi que os meninos lembraram a diversidade das práticas e perceberam o quão importante foram para a evolução deles.

11º Encontro - Festa e exposição dos trabalhos

Organizamos uma festa de fim de ano na Casa Lar para encerramento das atividades do período. As fotografias e os trabalhos realizados foram expostos durante a comemoração. Após a realização de todas essas práticas, os diários foram encaminhados definitivamente aos meninos, como uma recordação e um meio de expressarem suas particularidades.

Atividades de transição

Em alguns encontros notamos que os menores ficavam cansados e desmotivados a participarem de algumas atividades, por esse motivo sempre pensamos em atividades de transições, que substituí as ações quando os menores se mostravam desinteressados.

Oficina de fotografia

A oficina de fotografia foi realizada no primeiro semestre de 2017. Os meninos deveriam utilizar a câmera para fazer registros entre si. No primeiro momento, foram ensinados os princípios básicos da fotografia, para o manuseio dos equipamentos.

A atividade despertou interesse, sendo que as crianças e os adolescentes ficaram animados. Para que fosse lúdica e, ao mesmo tempo, preservasse a imagem dos internos, foram levadas folhas com *emoticons* impressos. Cada *emoticon* possuía uma expressão e eram escolhidos de acordo com o que o participante sentia. Eles foram utilizados para ocultar o rosto dos residentes para a sessão de fotos. Percebemos a sinceridade de cada interno ao selecionar as figuras. Encerramos a atividade com uma roda de conversa e a discussão sobre técnicas fotográficas e a dificuldade de lidar com os sentimentos.

Oficina de Cama de Gato

Para estimular a concentração e a paciência dos residentes, sugerimos uma brincadeira, conhecida como “Cama de Gato”, pois a mesma exige atenção dos participantes e estimula o trabalho em grupo. Em duplas, os alunos interagiram muito bem, e a oficina tornou-se um momento de descontração.

Durante a atividade, notamos que os residentes que conheciam a brincadeira quiseram ensinar os outros. Como o objetivo do projeto era desenvolver o senso de comunidade por meio de práticas educacionais, o trabalho colaborativo exerceu papel fundamental nesse processo, uma vez que possibilita a interação, estimulando a vivência da solidariedade.

Oficina de história em quadrinhos

Uma das atividades propostas pelos residentes foi trabalhar com histórias em quadrinhos; na verdade, durante uma roda de conversa, eles expressaram a vontade de fazer uma oficina do gênero. Para estimular a produção colaborativa e o desenvolvimento das habilidades dos internos, cada um deveria construir a própria história.

A atividade foi dividida em três etapas. No primeiro momento, apresentamos a técnica usada para a construção da história: delimitação do tema e personagens, texto, ilustrações, balões e organização tipográfica. Após essa etapa, mostramos diversos personagens aos residentes e balões em branco. Cada um deveria escolher o seu personagem. A etapa seguinte possibilitou que os internos trabalhassem em conjunto, reunindo em uma história, todos os personagens e as histórias que tinham construindo. Foi interessante perceber a interação entre eles durante a construção da história, cujo tema foi a escola. No final, foi realizada uma leitura conjunta.

Considerações finais

Ao iniciarmos o projeto no abrigo tínhamos consciência dos desafios que iríamos enfrentar, mas, ao mesmo tempo, havia um anseio de transformar, pautado pelas práticas educacionais mais adequadas àquela realidade. Muitas das vezes durante as atividades os menores desabafavam, narravam momento triste vivenciados, alguns não conseguiam conter as lágrimas. Abraços e demonstração de carinho entre as educadoras e os menores serviam de consolo. Os internos se sentiam amparados e foi dessa maneira que a afetividade foi fortalecendo.

Nem sempre as atividades fluíam como desejávamos, mas, muitas vezes, fomos surpreendidas com demonstrações de carinho, interesse e de coopera-

ção. Foi uma troca de experiência que gerou resultados transformadores neles e em nós. As mudanças aconteceram lentamente, porém, ambas as partes cresceram, nós, enquanto profissionais e principalmente como pessoas que desejam modificar a realidade das minorias, e também os internos, que perceberam as suas potencialidades como cidadãos que podem exercer o papel de protagonistas.

A Casa Lar estava se transformando em uma incubadora de possibilidades de ser feliz e não apenas de transformação de histórias de vida. Contudo, essa conquista só estava sendo possível a partir de uma ação colaborativa, com a participação de todos, mediada por episódios de solidariedade e de compartilhamento entre os protagonistas desse processo de construção da realidade de cada um. Para esse propósito, tanto os meios de comunicação convencionais (vídeo, fotografia, TV) como as mídias alternativas (desenhos, diários, mímicas) eram utilizados como recursos didáticos durante o processo, promovendo conotações diversas, tendo em vista as especificidades midiáticas de cada meio de comunicação utilizado. Entretanto, parece necessário frisar que o sucesso do sistema educacional não repousa no uso da tecnologia, mas no tipo de relação estabelecido entre os elementos que participam do processo de ensino-aprendizagem.

As ações desenvolvidas favoreceram o elo entre o grupo, possibilitando a criação de um espírito de equipe e do senso de comunidade entre os menores. A criação e a personalização de objetos permitiram que os menores descobrissem as suas habilidades e identidades, estimulando a busca de novos conhecimentos, a identificação como comunidade e, conseqüentemente, a formação de um ambiente familiar dentro da instituição, desconhecido até a iniciativa extensionista.

Em depoimentos, os servidores mencionaram a complexidade de se trabalhar em meio a um grupo tão singular como a Casa Lar, com tantas vivências diversas e difíceis. Por isso, podemos afirmar que as expectativas dos funcionários foram superadas, já que as práticas educacionais reduziram os conflitos internos. O projeto também atendeu as perspectivas dos internos, que passaram a se sentir protegidos como se estivessem no âmbito familiar. Com as ativi-

dades, a relação entre os abrigados se fortaleceu. Eles se reconheceram como comunidade, em que uns ajudam os outros e, unidos, têm a possibilidade de melhorar o ambiente da instituição.

O desenvolvimento colaborativo das atividades dinamizou e intensificou a interação do grupo, o que nos leva a pensar em promover um processo de educação continuada. Já os diálogos reflexivos possibilitaram aos cuidadores e aos internos a expansão do senso crítico, respeitando a individualidade de cada membro. Dessa forma, ficou explícito o crescimento pessoal dos integrantes quanto à responsabilidade em opinar e em tomar decisões adequadas que favoreçam todo o grupo. Observamos também que os internos assumiram um papel de liderança, mobilizando-se, reconhecendo o atual cenário em que vivem, pontuando os problemas e questionando uma forma de melhorar suas condições de vida.

Durante a realização deste trabalho, ficou constatada a eficiência das práticas educacionais como ferramentas dinâmicas para a construção de diálogos democráticos e fortalecimento da cidadania entre os envolvidos. Assim sendo, as práticas implementadas na Casa Lar Amar é Simples possibilitaram a criação de um senso de comunidade que orientou a organização do trabalho formativo na instituição durante o ano de 2017 e estimulou a participação social do grupo.

Referências

BRASIL. Câmara dos Deputados. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata. 14. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016. (Série Legislação, n.237). Disponível em:<www.camara.leg.br/editora>. Acesso em: 28 jun. 2018.

_____. Lei n. 7.644, de 18 de dezembro de 1987. Dispõe sobre a Regulamentação da Atividade de Mãe Social e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, Poder Executivo, Brasília, DF, 21. dez. 1987. Seção 1. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7644.htm>. Acesso em: 28. jun. 2018.

CARLOS, Valter Natal Valim. Arte-educação e cidadania: um diálogo possível. In: SEMINÁRIO CURRÍCULOS, CULTURAS E COTIDIANOS, 1, 2013, Vitória. *Anais...* Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, p. 1-13 2013. Disponível em:<encurtador.net/joCVW>. Acesso em: 29 jun. 2018.

CASTILHO, Sabrina Simões. *Relações afetivas e processos identitários de crianças e adolescentes em Programas de Acolhimento Institucional: uma pesquisa com oficinas de grupo*. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2013.

*****COSTA, Antonio Carlos Gomes da. *Protagonismo juvenil: adolescência, educação e participação democrática*. Salvador, Fundação Odebrecht, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 18, p. 51-61, maio/jun. 2000. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920/39642>> Acesso em: 29 jun. 2018.

OLIVEIRA, Stefanie Griebeler et al. discussões sobre o conceito de comunidade relacionado à atuação do enfermeiro: relato de experiência. *Avances enEnfermería*, v. 31, n. 1, p. 133-140, 2013.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 19, p. 19-24, set./dez. 2000. Disponível em:< <https://goo.gl/x2TzKQ>>. Acesso em: 29 jun. 2018.

_____. Gestão comunicativa e educação: caminhos da Educomunicação. *Comunicação & Educação*, São Paulo, n. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.

_____. A Educomunicação e suas áreas de intervenção. In: NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO/USP, Escola de Comunicação e Artes. *Base de dados*. São Paulo, 1996. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/130.pdf>> Acesso em: 29. jun. 2018.

THIOLENT, Michel. *Metodologia da Acção-Pesquisa*. Local: editora, 1985.

Sobre as autoras

Sabrina Kelly da Silva - Graduada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de São João del-Rei (MG), moradora da cidade de Conceição da Barra de Minas/MG, bolsista do Projeto/Programa de Extensão Van Educomunicativa financiado por PIBEX/UFSJ e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação - GEPEducomufsj/UFSJ. Atualmente também atua como estagiária de Comunicação da Secretaria de Cultura e Turismo de Conceição da Barra de Minas. Como graduanda atuou como repórter da agência de notícia, VAN UFSJ e da ONG Atuação de São João del-Rei. Também participou da cobertura do Festival de Literatura de São João del-Rei e Tiradentes – FELIT de 2015 e da passagem da Tocha Olímpica por São João del Rei, e mail sabrinajournalismoufsj2015@gmail.com

Tatiana Maria da Silva - Graduada do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, Universidade Federal de São João del-Rei (MG) moradora da cidade de São João del Rei/MG, voluntária do Projeto/Programa de Extensão Van Educomunicativa financiado por PIBEX/UFSJ e integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educomunicação - GEPEducomufsj/UFSJ. Atuou como repórter da agência de notícia, Vertentes Agência de Notícia, VAN UFSJ em 2017. Participou da cobertura fotográfica da passagem da Tocha Olímpica por São João del Rei, integrou a equipe de monitoria do 7º Festival de Fotografia de Tiradentes Foto em Pauta em 2016 e atualmente é estagiária da Câmara Municipal de São João del Rei como Assessora de Comunicação da Vereadora Lívia Guimarães, e mail para contato tatthymary@gmail.com